

INTERVENÇÕES LÚDICAS QUE FAVORECEM A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DA OBSERVAÇÃO À PRÁTICA

Ana Cristina Silva Soares¹
Thamires Rocha Aguiar²

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho foi analisar intervenções pedagógicas lúdicas para desenvolvimento de habilidades cognitivas - seriação e classificação, considerando aplicação de exames piagetianos, em estudantes com deficiência intelectual e transtorno do espectro autista. Para isto, recorreu-se ao referencial teórico de Williams e Wrigh (2008), Coll, Marchesi e Palacios (2004), Mantoan (2003), Mittler (2003), Kamii (1995) e Piaget (1967; 1976) e documentos oficiais acerca da implementação do Atendimento Educacional Especializado. A metodologia envolveu pesquisa-intervenção e exploratória; cujo método clínico de Piaget orientou a coleta e análise dos dados. São quatro participantes com síndrome de down, transtorno do espectro autista e deficiência intelectual. Foram realizadas observações e oito intervenções pedagógicas, gravadas e fotografadas. A pesquisa ocorreu no período de março a junho de 2019, na sala de recurso multifuncional do Atendimento Educacional Especializado, de um Centro de Educação de Jovens e Adultos, do município de Sobral, Estado do Ceará. Os resultados indicam que as intervenções pedagógicas lúdicas com propósito desenvolver seriação e classificação; através da exploração de jogos e situações-problema em estudantes com síndrome de down e transtorno do espectro autista são favoráveis as mudanças de níveis na teoria de Piaget. Assim, compreende-se sobre a seriação a constatação, por exemplo, no jovem com síndrome de down, uma evolução do nível I para o nível II. Conclui-se que os dados são parciais, mas ressalta-se que os estudantes alcançaram um processo de intervenção pedagógica ativa, evidenciando ser possível remediar situações em que possam enfrentar dificuldades nos processos de aprendizagem de cada um deles.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Atendimento Educacional Especializado. Habilidades cognitivas.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é um recorte da pesquisa em andamento intitulada “Práticas pedagógicas e educação inclusiva: intervenção lúdica para desenvolver habilidades cognitivas em crianças público-alvo da educação especial”, no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre acessibilidade, diferença, práticas pedagógicas e educação inclusiva – GEPADep, o qual já vem desenvolvendo uma

¹ Professor Dra do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, Ceará, acsilvasoares@gmail.com

² Graduanda do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, Ceará, thamiresaguiar26@gmail.com. Bolsista PROVIC/UVA.

pesquisa na rede municipal de Sobral – CE. Neste artigo, tem-se como analisar intervenções pedagógicas que favoreçam à educação inclusiva, através do método clínico de Piaget, visando o desenvolvimento de processos mentais de seriação, conservação de quantidade e classificação, através da exploração de jogos, desafios e situações-problema em estudantes com síndrome de down, transtorno do espectro autista e deficiência intelectual.

O conceito de inclusão no campo da Educação implica discutir e problematizar práticas excludentes no âmbito da escola; pois para sua implementação necessita de uma política que busque desenvolver elementos complementares e interdependentes da prática, política e cultura que valorizam a participação e aprendizagem de cada aluno. Desse modo, os esforços necessários se organizam para minimizar ou eliminar as barreiras à aprendizagem que as crianças possam sofrer e que as impeçam de participar plenamente da vida acadêmica devido à desvalorização de suas diversidades oriundas de gênero, etnias, condições sociais, religião, e outros; para a elaboração de um conhecimento construído e desta forma atingir uma educação de qualidade, por exemplo, o campo da matemática na educação infantil.

Assim, a Educação Inclusiva busca oferecer ao sistema regular de ensino, uma educação de qualidade para TODOS, em equidade de condições e possibilidades educacionais. A inclusão vai além de uma questão de direito, é uma necessidade (SOARES, 2011). A Educação Especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades da educação básica e superior. Que precisa disponibilizar o AEE e os recursos próprios desse atendimento; orientar alunos e professores quanto à utilização desses recursos nas turmas comuns do ensino regular (BRASIL, 2008).

Essa investigação fundamenta-se em autores Williams e Wrigh (2008), Coll, Marchesi e Palacios (2004), Mantoan (2003), Mittler (2003), Kamii (1995) e Piaget (1967; 1976) e documentos oficiais sobre as ações das políticas educacionais do Atendimento Educacional Especializado. Por isso, compreende-se que Piaget (1973) considera a construção do conhecimento que se dá através do construtivismo, isto é, exige uma interação entre o sujeito que conhece e o objeto que é conhecido.

Este trabalho responde-se as seguintes questões: por que Jovens e adultos do público alvo da educação especial não conseguem se concentrar o suficiente para pensar e buscar maneiras para resolvê-los, o que acaba levando ao erro da solução? e como esse público estrutura e relaciona o lúdico para o desenvolvimento da seriação, classificação e conservação de quantidades no espaço escolar?

Este trabalho tem como objetivo principal analisar intervenções pedagógicas lúdicas e situações-problemas para o desenvolvimento de habilidades cognitivas - seriação e classificação - e os exames piagetianos, em estudantes com deficiência intelectual, transtorno do espectro autista e deficiência intelectual.

A metodologia envolveu pesquisa-intervenção e exploratória; cujo método clínico de Piaget orientou a coleta e análise dos dados. São quatro participantes com síndrome de down, transtorno do espectro autista e deficiência intelectual. Foram realizadas observações e oito intervenções pedagógicas, gravadas e fotografadas. A pesquisa ocorreu no período de março a junho de 2019, na sala de recurso multifuncional do Atendimento Educacional Especializado, de um Centro de Educação de Jovens e Adultos, do município de Sobral, Estado do Ceará.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho foi a pesquisa-ação (Gil, 2008), que reconhece a pesquisa como um dos tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.

Segundo Denzin, Lincon e colaboradores (2006) a pesquisa-ação tem por objetivo a resolução de problemas pertinentes em determinados contextos por meio de uma investigação democrática, na qual pesquisadores trabalham em conjunto com colaboradores locais na busca e na aprovação de soluções para os problemas. Neste caso, compreendermos como as crianças aprendem matemática em sua fase de desenvolvimento.

Para este estudo serão usados tanto os meios de pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Com a pesquisa documental procura-se conhecer as diferenças de abordagem do tema, as mudanças ocorridas nos aspectos legais e as produções das crianças publico-alvo da educação especial através da observação, entrevistas e intervenção educacional, ou seja, três etapas: observar, analisar e intervir.

Segundo Prodanov (2013), a pesquisa-ação acontece quando há interesse coletivo na resolução de um problema ou suprimento de uma necessidade [...] Pesquisadores e pesquisados podem se engajar em pesquisas bibliográficas, experimentos etc., interagindo em função de um resultado esperado. O autor ainda ressalta que

[...] nesse tipo de pesquisa, os pesquisadores e os participantes envolvem-se no trabalho de forma cooperativa. A pesquisa-ação não se refere a um simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação, os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. (PRODANOV, 2013, p. 65-66)

A metodologia envolveu uma pesquisa-intervenção e exploratória sobre as práticas pedagógicas, cujo método clínico de Piaget orientou tanto a coleta, quanto a análise dos dados. Essa

pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre acessibilidade, diferença, práticas pedagógicas e educação inclusiva (GEPADep), cuja finalidade de investigar as práticas pedagógicas que favoreçam a educação inclusiva através de intervenções lúdicas para o desenvolvimento de habilidades cognitivas em ‘crianças’ público-alvo da educação especial do AEE.

Participaram quatro estudantes: um, com síndrome de down, 22 anos e o outro, com transtorno do espectro autista, 43 anos e dois com deficiência intelectual, 21 e 42 anos, respectivamente. Foram realizadas entrevistas, observações e intervenções pedagógicas, em que foram gravadas e fotografadas. A pesquisa aconteceu em uma sala de recurso multifuncional de AEE, de um Centro de Educação de Jovens e Adultos, do município de Sobral, região norte do Estado do Ceará.

O método clínico de Piaget orientou a coleta no período de março a junho de 2019, em oito sessões, e também análise dos dados.

DESENVOLVIMENTO

Para Mittler (2003) a inclusão é uma política que pode ser planejada para beneficiar a todos os alunos, incluindo aqueles pertencentes a minorias linguísticas e étnicas, assim como aqueles com deficiência ou com dificuldades de aprendizagem, os que se ausentam constantemente das aulas e outros que estão sob o risco de exclusão, em qualquer sistema de ensino.

Segundo Piaget (1967), o desenvolvimento cognitivo consiste em um processo de sucessivas mudanças qualitativas das estruturas ou esquemas cognitivos, derivando cada estrutura e sua respectiva mudança, lógica e inevitavelmente da estrutura precedente. Além disso, esse desenvolvimento constitui-se em um processo contínuo e descontínuo que começa com o nascimento. Para Rappaport (1981) é contínuo porque cada aquisição subsequente baseia-se na anterior, incorporando-a e transformando-a. Descontínuo, no sentido de que mudanças qualitativas ocorrem de um estágio para o outro.

O estudo de Silva e Kleinhans (2006, p.123) propõe um “apanhado” dos processos cognitivos na Síndrome de Down, correlacionando-os com os conceitos gerais de plasticidade cerebral, a fim de verificar como esses conhecimentos podem favorecer a aprendizagem. As autoras enfatizam que plasticidade cerebral é a denominação usada para referenciar a capacidade adaptativa do sistema nervoso central; habilidade para modificar sua organização estrutural e funcional.

O desenvolvimento cognitivo é decorrente da atuação de quatro fatores gerais: a maturação, a experiência ativa, a interação social e o processo de equilíbrio. A maturação refere-se, especialmente, aos sistemas nervoso e endócrino. É responsável pela abertura das novas possibilidades de conduta e desempenha um papel indispensável na ordem invariante de sucessão dos estágios. As experiências ativas, adquiridas na ação realizada sobre os objetos, são essenciais e necessárias à formação das estruturas lógicas e permitem a criança atuar sobre o mundo de forma cada vez mais flexível e abrangente em relação a um maior número de objetos.

Estudos de Cunha *et al* (2005) apresentam modelos de desenvolvimento infantil, e mostram que um ambiente adverso ao desenvolvimento de habilidades pela criança pode ser compensado por intervenções no início do desenvolvimento infantil. Assim, é importante observarmos o contexto mais próximo da criança público-alvo da educação especial, como o espaço da sala de aula e do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Sendo este um serviço da Educação Especial, de natureza pedagógica, criado com o objetivo de oferecer condições que possibilitem o acesso dos conteúdos escolares e ao conhecimento em geral para os alunos com deficiência (surdez, baixa audição; cegueira, baixa visão; surdocegueira; deficiência física; e intelectual); alunos com “Transtornos Globais do Desenvolvimento” (Transtorno do Espectro Autista – TEA); e alunos com Altas Habilidades/ Superdotação. Sendo o público alvo do AEE.

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) V (2014) apresenta que o autismo é refere-se a um transtorno no qual as pessoas manifestam as seguintes características: prejuízo de interação social, problemas de comunicação e atividades e interesses repetitivos, estereotipados e limitados.

Conforme a perspectiva histórico-cultural de Vygotsky, o professor exerce um papel importante como mediador das trocas sociais. Em sua perspectiva, os processos humanos tem gênese nas relações sociais devem ser compreendidas em seu caráter histórico-cultural. O homem significa o mundo e si próprio não de forma direta, mas por meio da experiência social (VYGOTSKY, 2007). Os aspectos emocionais e afetivos nas relações entre aluno-aluno, aluno-professor devem ser considerados. Nunes e Silveira (2008) comentam sobre esta concepção:

Ele defendia que aquilo que o aluno já sabe fazer sozinho não deveria ser o foco do processo de ensino. Ao contrário, é importante atentar para as capacidades que podem ser efetivadas a partir da intervenção do outro como mediador. A escola, pela sua especificidade de lugar [...] pode fornecer condições concretas para que o desenvolvimento potencial se torne real (NUNES; SILVEIRA, 2008, p.103)

Neste sentido, percebemos que a criança aprende através do outro, além disso, ela é considerada um sujeito social e ativo. Priorizando o fato de o aluno ser um sujeito autônomo, a escola defende o fato do aluno juntamente com seus conhecimentos prévios ser o centro do processo educativo. Entendemos que a mediação requer do professor atitudes de análise, de interpretação, de questionamentos, identificação de avanços e dificuldades. O professor atua como mediador entre as habilidades determinadas do aluno e a sua realidade prática.

De acordo com Santos (2003, p. 56) “[...] as pessoas e os grupos sociais tem o direito a ser iguais, quando a diferença os inferioriza; e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza. Por isso, a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades”. Nessa perspectiva o aluno com deficiência precisa ter acesso a apoios pedagógicos, por exemplo, um cego ter acesso a texto em Braille, para conseguir a leitura com os demais alunos de sala de aula. Como também nos remete Mantoan (2003) que o direito a diferença nas escolas, desconstrói o sistema de significação excludente, normativo, elitista da escola atual, com suas medidas e mecanismos de produção da identidade e da diferença.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No transcorrer das intervenções pedagógicas lúdicas com propósito desenvolver a seriação, classificação e conservação de quantidade; através da exploração de jogos, desafios e situações-problema em estudantes com síndrome de down, transtorno do espectro autista e deficiência intelectual são favoráveis à educação inclusiva. Por isso, para Kamii (2009) o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e moral das crianças é fortemente influenciado pelas atividades lúdicas, como jogos e brincadeiras.

A teoria de Piaget apresenta um modelo capaz de explicar mecanismos referente ao rendimento de um sujeito, porém, é possível de forma dialética e estruturalista, no entanto, é criticado pela falta de rigor estatístico na manipulação dos dados experimentais. A seriação, a classificação e a conservação são habilidades que estruturam o conhecimento lógico-matemático, ou seja, originam as estruturas lógicas elementares.

Verificou-se que universo dos participantes somente dois estava de acordo com a conduta dos testes piagetinos. Por exemplo, no que se refere à compreensão da seriação, os resultados permitiram constatar que ao jovem com síndrome de down observou-se que evoluiu do nível I para o nível II, associando quantidade até o cinco; porém, na contagem termo a termo, teve dificuldade ao contar de um ao dez, às vezes contava novamente até o quatro, ou parava (Figura 01).

Figura 01 – Atividade de Seriação



Fonte: Elaborada pela autora

Ou seja, a conduta dos testes corresponde aos alunos que chegam a um resultado correto mediante a contagem em ordem crescente, sem nenhuma antecipação do número de ações a serem feitas.

Assim, a teoria de Piaget e os estágios de desenvolvimento cognitivo estão em progressão constante, buscando sempre um equilíbrio mais completo, e isto indica uma tendência do organismo a uma integração dinâmica. O equilíbrio não é estático, mas um sistema ativo de compensação. É sempre um ponto de partida para chegar a equilíbrios mais avançados do desenvolvimento.

Por último, os resultados indicam que as intervenções pedagógicas lúdicas com propósito desenvolver seriação e classificação; através da exploração de jogos e situações-problema em estudantes com síndrome de down e transtorno do espectro autista são favoráveis as mudanças de níveis na teoria de Piaget. Assim, compreende-se sobre a seriação a constatação, por exemplo, no jovem com síndrome de down, uma evolução do nível I para o nível II.

Conclui-se que os dados são parciais, mas ressalta-se que os estudantes alcançaram um processo de intervenção pedagógica ativa, evidenciando ser possível remediar situações em que possam enfrentar dificuldades nos processos de aprendizagem de cada um deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões são parciais e mostram que os estudantes alcançaram um processo de intervenção pedagógica ativa, a qual evidencia ser possível remediar situações em que possam enfrentar dificuldades nos processos de aprendizagem de cada um deles.

Por exemplo, o estudante com síndrome de down necessita de algum tipo de apoio cognitivo diferenciado ou de estratégias que estimule seu pensamento, desenvolvimento e aprendizagem.

Agradecimentos: Programa Voluntário de Iniciação Científica – PROVIC/UVA

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - DSM-5. 5th.ed. Washington: American Psychiatric Association, 2014.

COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia Aplicada à Educação.** São Paulo, EPU, 1986.

CUNHA, F., HECKMAN, J., LOCHNER, L., MASTEROV, D., **Interpreting the evidence on life cycle skill formation,** Working Paper 11331, NBER Working Paper Series, Mai, 2005

DAVYDOV, V. V. **O problema da generalização e do conceito na teoria de Vygotsky:** In: DAVYDOV, V. V. Studi di Psicologia dell'Educazione. v. 1, 2, 3. Aramando, Roma: 1997. Trad. italiano por José Carlos Libâneo.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008

KAMII, Constance. **A criança e o número: implicações educacionais da teoria de Piaget para atuação junto a escolares de 4 a 6 anos.** 20ª. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

KAMII, Constance. **Jogos em grupo na educação infantil**: implicações da teoria de Piaget. Trad. Maira Célia Dias Carrasqueira. Ed. Rev. Porto Alegre: Aritmed, 2009.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer?. São. Paulo: Moderna, 2003.

MARCHESI, A. Da linguagem da deficiência às escolas inclusivas. *In*: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação**: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. Porto Alegre: Artmed, 2004. v. 3, p.15-30.

MITTLER, P. **Educação inclusiva**: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MONTEIRO, Alexandrina e POMPEU JR, Geraldo. **A Matemática e os Temas Transversais**. São Paulo. Editora Moderna, 2001.

PIAGET, Jean. **O raciocínio na criança**. Rio de Janeiro; Distribuidora Record; 1967.

PIAGET, Jean; SZEMINSKA, Alina. **Child's conception of number**. London: Routledge & KeganPaul, 1952.

SILVA, Maria de Fátima Minetto Caldeira; KLEINHANS, Andréia Cristina dos Santos. Processos cognitivos e plasticidade cerebral na Síndrome de Down. **Revista brasileira de educação especial**, Marília , v. 12, n. 1, p. 123-138, Apr. 2006 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382006000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 02 June 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382006000100009>.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WILLIAMS, C.; WRIGH, B. **Convivendo com autismo e síndrome de asperger**: estratégias práticas para pais e profissionais. São Paulo: M. Books do Brasil, 2008.